

MORTE E VIDA SEVERINA – UM (DES)ENCONTRO COM A VIDA¹

DEATH AND SEVERE LIFE – A MEETING/ MISMATCH WITH THE DEATH

Clariane Leila DALLAZEN²

Resumo: o presente trabalho tem por objeto analisar o poema *Morte e Vida Severina – Um Auto de Natal*, de João Cabral de Melo Neto. Trata-se de narrativa poética muito bem engendrada, que conta a trajetória de um retirante, cujo nome é Severino, e vai apresentando diferentes pertencimentos, ora como sujeito individual, ora como sujeito coletivo. Escrito no período modernista, analisa, sob uma perspectiva religiosa e social, a busca do nordestino pela vida, mas que, ironicamente, o leva ao encontro com várias mortes Severinas. Tem como característica marcante o regionalismo, a zona fronteira e o folclore nordestino. São objetos de estudo as questões geográficas, políticas, sociais, religiosas e folclóricas que a metáfora “Morte e Vida Severina” representa.

Palavras-chave: morte; vida; saga do nordestino; regionalismo.

Abstract: the present work wants to analyze the poem *Morte e Vida Severina – Um Auto de Natal* by João Cabral de Melo Neto. It is a poetic narrative very well-con-

1 Registram-se agradecimentos à minha orientadora, por aceitar a proposta de estudar um tema tão negativamente rotulado como a morte; à professora Rita Felix, pelas aulas excepcionalmente ministradas; à coordenação do curso, pelo auxílio na divulgação das revistas abertas à submissão de trabalhos; e aos meus familiares, pela compreensão constante.

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: adv.clarianedallazen@gmail.com.

ceived that tells the trajectory of a retirante, whose name is Severino and presents different belongings, sometimes as individual subject, sometimes as a collective subject. Written in the modernist period, it analyzes, from a religious and social perspective, the Northeastern's search for life, but, ironically, leads him to encounter several Severine deaths. Its characteristic feature is regionalism, the frontier zone and folklore of the Northeast. They are object of study: the geographic, political, social, religious and folkloric questions that the metaphor Morte e Vida Severina represents.

Keywords: death; life; northeastern fight; regionalism.

Enredo e característica da obra

Morte e Vida Severina caracteriza-se como um Auto de Natal Pernambucano, escrito em 1954-1955, por João Cabral de Melo Neto. Trata-se de uma obra literária de natureza regionalista, tradição medieval, marcada pela religiosidade e pelo folclore, com uma linguagem que se aproxima do registro oral, apresentando vários aspectos do folclore em sua construção formal, compondo-se de dezoito trechos. João Cabral de Melo Neto não possui um vocabulário hermético, sendo esta uma característica peculiar de sua produção poética, pois escreve para ser entendido pelo povo, dando amplo acesso ao seu texto.

O poema narra a história da saga de um retirante, que sai da Serra da Costela para o Recife, em busca de uma vida melhor, mas que, ironicamente, acaba por encontrar-se, constantemente, com a morte. Essa trajetória é tão individual quanto coletiva, pois, em muitos momentos da obra, há uma despersonalização do personagem principal, que transita de sujeito individual a coletivo. Durante sua saga, encontra-se com várias figuras nordestinas, vários Severinos, experimentando a morte de diversas maneiras.

O primeiro encontro é com os “irmãos das almas”, lavradores que conduzem ao cemitério um “Severino” morto por latifundiários, numa emboscada, por ter um pedaço de terra.

Segue sua viagem tendo como guia o rio Capiberibe, até presenciar sua seca, perdendo-se no caminho.

Passa por um lugarejo e ouve uma cantoria vinda de uma casa. Curioso, entra para ver o que estava acontecendo, encontra rezadeiras, cantando um canto fúnebre, em honra a outro Severino morto.



Nesse mesmo lugarejo, avista uma casa que lhe parece pertencer a uma pessoa razoavelmente abastada e, conversando com a moradora à janela, pede emprego, mas percebe que nenhuma das atividades que possui habilidade para desempenhar – agricultura e pecuária – encontraria espaço ali, mas apenas aquelas ligadas à morte, como rezadeira e coveiro.

Severino continua sua jornada e passa pela Zona da Mata, região de relativa prosperidade no interior do sertão. Fica um pouco deslumbrado com a natureza verdejante do lugar, mas a morte ali também prospera, ao testemunhar o funeral de um lavrador que se realiza no cemitério local. Frustra-se com essa percepção, relativizando seu pensamento de ali permanecer, prosseguindo com sua viagem.

Chega, então, ao Recife e, cansado, senta-se ao pé do muro de um cemitério e ouve o diálogo entre dois coveiros. Um, de um cemitério de pessoas mais abastadas (Santo Amaro), onde a morte não é tanta e mais cheios de pompa e circunstância os funerais; e, o outro, era responsável pelo enterro de retirantes (Casa Amarela), onde a morte era constante e sem floreios.

Nesse momento da obra, Severino reflete sobre o que seria melhor, lutar pela vida ou deleitar-se na morte. Pensa em suicídio, pretendendo atirar-se em um dos rios que cortam a cidade.


Ao leito do rio, conhece José, mestre carpina, carpinteiro e morador ribeirinho, com quem começa a conversar. A conversa se desenvolve de modo que mestre carpina tenta convencer Severino a não se atirar, ocasião em que Severino pede então que lhe dê uma única razão para não fazê-lo. É o momento em que Severino encontra-se, pela primeira vez, com a vida, pois a conversa é interrompida pela notícia do nascimento de mais um filho de mestre carpina. A notícia espalha alegria e solidariedade na vizinhança, que passa a trazer ao recém-nascido e à mãe humildes presentes.

Inicia-se, em seguida, o diálogo entre duas ciganas, uma pessimista, que prevê o futuro do recém-nascido de maneira trágica e, outra, otimista, que usa as mesmas imagens usadas pela pessimista, mas sob outro ponto de vista, prospectando um futuro mais digno à criança.

Canta-se a beleza daquela vida, que apesar de pobre, é viva.

Severino volta a questionar mestre carpina, e este, sabiamente, responde não ter a resposta sobre se a vida vale ou não a pena ser vivida, mas que aquele





milagre da vida poderia ser um símbolo de que, ainda que a vida fosse Severina, se sobrepunha à morte, pelo simples fato de acontecer.

Sobre o autor

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) foi um poeta e diplomata brasileiro. Foi *Morte e Vida Severina*, poema dramático, que o consagrou. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e recebeu diversos prêmios, entre eles o do Instituto Nacional do Livro, e o Prêmio da União Brasileira de Escritores.

Nasceu no Recife, Pernambuco. Era filho de Luís Antônio Cabral de Melo e Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo. Passou sua infância entre os engenhos da família nas cidades de São Loureço da Mata e Moreno.

Foi casado com Stella Maria Barbosa de Oliveira, com quem teve cinco filhos. Casou pela segunda vez com a poetisa Marly de Oliveira. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para a cadeira nº 37. Em 1992, começa a sofrer de cegueira progressiva, doença que o leva à depressão.

João Cabral de Melo morreu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999, vítima de ataque cardíaco.

Análise da obra

A literatura brasileira é marcada por inúmeras grandiosas obras cuja característica principal é o regionalismo e o folclore. No entanto, a produção literária regionalista é predominantemente em prosa, o que torna ainda mais especial a obra *Morte e Vida Severina: Um Auto de Natal*, que será analisada neste trabalho sob alguns aspectos centrais, dentre eles o regionalismo, a zona fronteira, a religiosidade e o folclore.

O regionalismo mostra-se como um aspecto amplamente discutido na obra em análise. Para Antônio Cândido (2000: 158), “o regionalismo foi e ainda é uma força estimulante na literatura da América Latina”.



Há que se recordar que a obra de João Cabral está situada num período em que, nas palavras de Cândido (2000), corresponde a uma fase da “consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de país subdesenvolvido” (idem: 142). Essa fase iniciou-se com Simões Lopes Neto, que foi seguido por Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, não necessariamente nessa ordem. Nesse momento, atribuiu-se à literatura regional brasileira uma característica em que “o peso da consciência social atua por vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação de desigualdade e de injustiça” (idem: 160), distanciando-a da denominação “consciência amena do atraso, correspondente à ideologia de país novo” (idem: 145), marcada por uma literatura que “se fez linguagem de celebração e terno apego” (idem: 141). É exatamente o que acontece com o poema em comento, com as constantes despersonalizações e o estilo e o peso das reflexões lá propostas.

Sobre a maneira como João Cabral usa o regionalismo, “[...] ninguém elaborou expressão poética mais revoltada e pungente para expor a miséria, o destino esmagado do homem pobre, no caso o do Nordeste” (DANTAS, 2002: 169).

Um dos primeiros aspectos a se analisar na obra é a questão do pertencimento. Logo no começo, já se apresenta uma crise de identidade em que ora Severino é ele mesmo, ora ele é Severino povo retirante, não mais pertencendo a si.

– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
[...]³
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida: (CABRAL, 2000: 13)

Para Bauman (2005: 17-8), “a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa”. Formar a identidade é quase como um sair de si, por vezes, para poder voltar a si e apoderar-se do que lhe pertence, individual ou coletivamente. Parece ser um pouco isso que Severino faz quando se divide entre Severino pessoa e Severino classe retirante.

3 Neste momento, descrevem-se vários Severinos, de forma que um sempre leva a outro, numa espécie de teia sem fim.



Em sua viagem como retirante, tenta sair da sua condição de miséria e morte, provocada pela seca, em busca de uma vida melhor, para o litoral pernambucano, na ilusão de que o verde de lá o permitiria desviá-lo de sua sina em sua “peregrinação”. No entanto, os constantes encontros com a morte carregam com ele o pertencimento à “Vida Severina”, a qual se mostra como destino, por ser ele uma vítima do sistema social, e não apenas do geográfico, como insistem alguns.

No entanto, cogita-se que, ainda que no decurso da obra o pertencimento esteja focado na “Vida Severina”, sua identidade se transforma pelas desesperanças, encontros, desencontros, dissabores, desafios e descobertas. A questão do pertencimento apresenta-se no termo “Vida Severina”, que se manifesta como uma condição inevitável do protagonista, que não pode fugir dela, ainda que tente, ao partir como retirante.

A jornada de Severino marcada pela certeza da morte e a incerteza da vida autoriza o conceito de Bauman (2005, p.8), segundo o qual “A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante”.

Um aspecto bastante interessante da jornada de Severino é a tentativa cabralina de, dentro das diferenças, mostrar a mesmice. Em sua “peregrinação”, Severino percorre Sertão, Agreste, Zona da Mata e Litoral pernambucano, que se mostram espaços híbridos, já que o ponto de partida é extremamente diferente do ponto de chegada em termos geográficos, o que pode nos remeter à ideia de mobilidade. O fato é que o mesmo não acontece com os problemas dos quais Severino fugia, já que a morte o persegue por todo o percurso, independentemente do espaço geográfico em que se encontre. Isso, paradoxalmente, nos remete à ideia de mesmice. A mobilidade do espaço e mesmice das condições sociais são o que Santos (2003) rotula como zona fronteira, tratando-se da abordagem dos encontros e desencontros de Severino, nos espaços da obra, os quais frustram suas expectativas:

— Esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.
—Não é viagem o que fazem
vindo por essas catingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro (CABRAL, 2000: 50).



Ainda sobre a zona fronteira de Santos (2003: 155), podemos defini-la como “uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas. E não esqueçamos que a metáfora é o forte de cultura de fronteira [...]”.

Sob a perspectiva de Homero Araújo,

[d]epois dos versos clássicos que definem a condição severina e referem seu caráter coletivo e desgraçado (Somos muitos Severinos), o poema volta a dirigir-se ao público na segunda pessoa do plural do pronome de tratamento, o que dá um caráter cerimonioso ao apelo (Mas, para que me conheçam / melhor Vossas Senhorias). Tal referência é incluída na oração adversativa de caráter elucidativo e pedagógico a enfatizar que o Severino que em vossa presença emigra é um artifício poético a simbolizar a classe/condição Severina (ARAÚJO, 2002: 139-40).

Severino se fantasia da realidade político-social do Nordeste brasileiro para nos mostrar o paradoxo que existe entre pertencimento e identidade, espaço e condição de vida, mobilidade e mesmice, fuga da morte e busca da vida, encontro com a morte e descoberta da vida, na jornada pela vida, perseguindo o próprio enterro.

Outro aspecto importante é a sinergia entre o estético e o cultural no poema de João Cabral. Para compreendê-las, as reflexões de Raymond Williams sobre a cultura,

como sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada [...] mas também todas as “práticas significativas” - desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade - que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992: 13).

Seria possível supor que *Morte e Vida Severina* permite várias leituras justamente pela maneira como algumas práticas significativas, ilustrativas, preponderantemente da cultura nordestina, são manipuladas e apresentadas, o que não é de causar estranhamento, já que se trata de um auto sob encomenda, cuja estética teria mesmo que ser marcada por fortes imagens visuais e auditivas, carregadas de simbologia que dão ao texto uma beleza enxuta, típica da poesia cabralina, que em “Morte e Vida Severina” se tornou maravilhosamente árida.

Sobre João Cabral, na opinião de Cândido,

[a]s suas emoções se organizam em torno dos objetos precisos que servem de sinais significativos do poema – cada imagem material tendo de fato, em si, um valor que a torna fonte de poesia, esqueleto que é do poema (CANDIDO, 2002: 137).



● ● ●

Não resta sombra de dúvida que o arquétipo do poema é extremamente rico e explora com uma sutileza brutal a condição do retirante no nordeste brasileiro.

Morte e vida: representações da morte nas sociedades cristãs do Ocidente

Um longo tempo nos separa de nossos antepassados que abandonavam os cadáveres e seguiam em frente, em busca de caça. Entre a ação de abandonar os cadáveres e agir como se eles ainda estivessem vivos (maquiando-os e preparando-os para sua última recepção aos amigos, como acontece nos Estados Unidos da América), a sociedade ocidental conviveu com várias representações da morte e com formas diversificadas de livrar-se do corpo morto.

Em duas obras que se voltam para essa questão – *Essais sur l’histoire de la mort en Occident* e *L’homme devant la mort* –, Philippe Ariès discorre sobre atitudes diante da morte, da Idade Média aos nossos dias, nas sociedades cristãs ocidentais. O historiador francês analisou documentos (testamentos, iconografias, obras de arte, túmulos, cemitérios, dentre outros) e buscou uma explicação sobre as atitudes do homem ocidental perante a morte. Sua análise é pautada em quatro grandes representações da morte: *la mort apprivoisée*, *la mort de soi*, *la mort de toi* e *la mort inversée* (ARIÈS, 2000). Ariès caracteriza como “domada/domesticada” – *la mort apprivoisée* – a morte característica da época medieval, período no qual o homem sabia da proximidade do fim através de avisos, signos naturais ou por uma convicção interna. Observadores de signos e de si mesmos, os homens conheciam a trajetória de sua morte e se preparavam para ela.

Durante toda a primeira Idade Média, os funerais são dominados pela expressão ritual de dor e de elogio do defunto, bem como pelo cortejo fúnebre até a sepultura. Tais ritos são eminentemente civis, coadjuvando a questão religiosa. Esse caráter laico está vinculado, sobretudo, à ocupação social dos cemitérios. Em primeiro lugar, pela localização deles. Ainda na Antiguidade Ocidental, os homens, apesar de certa familiaridade, temiam os mortos e os mantinham à distância (RODRIGUES, 2006: 120).

Tal distinção entre periferia e cidade, com o passar do tempo, começou a desaparecer e, com ela, também a aversão pelos mortos, que passam a ser enterrados não apenas nas cidades, como até muito proximamente aos vivos. Nessa transição, a morte e os rituais fúnebres perdem seu caráter eminentemente laico e passam à



esfera do sagrado, chegando-se mesmo a enterrar os mortos no interior das igrejas. Mortos e vivos ocupavam o mesmo espaço, pois o cemitério não era apenas o lugar para se enterrar os mortos: era o centro da vida social.

Na obra de João Cabral, ora em análise, tais fatos podem ser observados na conversa entre os coveiros, havendo diferenciação entre cemitérios de pobres e ricos, percebendo-se, ainda, que nenhum deles é absolutamente separado dos vivos. Percebe-se, ainda, pelos comentários feitos sobre os rituais realizados nos funerais ricos, como se fossem eventos sociais.

Enquanto os ricos se preocupam em bem localizar e identificar suas moradas derradeiras, a deixar seus testamentos com muitas missas pagas para a salvação de suas almas, a construir capelas para que ali sejam sepultados, os corpos dos pobres continuam a ser jogados em fossas comuns, sem identificação e sem individualização, exatamente como sugere o coveiro da Casa Amarela que se faça com os retirantes.

Em *Morte e Vida Severina*, há dois momentos em que isso fica bastante evidente. O primeiro é quando Severino encontra-se com a mulher na janela e lhe pede emprego. Não havendo nada que lá ele pudesse fazer, considerando as habilidades que possuía, que não eram poucas, ela conclui que ali só tem ofício para quem vive da morte, inclusive as rezadeiras, tendo ela mesmo se intitulado uma rezadeira famosa na região. Tal fato poderia se assemelhar ao endeusamento da morte, às missas por encomendas, aos ritos pomposos etc..

[...]
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
– Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
– Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
[...]
Só os roçados da morte



compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazemos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear (CABRAL, 2000: 31)

O segundo momento é na conversa entre os dois coveiros, já acima descrita, em que um é coveiro de uma área rica, outro, *enterrador* de retirantes.

Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar.
De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
— É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.
Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei).
As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar;
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.
Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.



- Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?
Pode ser uma estação
mas não estação de trem:
será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.
[...]
- Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários;
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.
- É, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.
- É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
- É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
- É a gente retirante (CABRAL, 2000, p. 42-43)

Nesse fragmento nota-se, evidentemente, a pompa e circunstância, bem como a menor ocorrência de mortes entre os ricos. Também fica evidente que valor se dava à morte dos retirantes, coisa tão comum que melhor seria jogá-los no rio.

Outro aspecto a se considerar parte da proposição de Jean Ziegler, segundo a qual “[...] o homem na sociedade capitalista mercantil, recusando a morte, é esvaziado por uma perversa vontade de viver” (ZIEGLER, 2013: 306). Ao sair como retirante, Severino manifesta essa vontade de vida, a qual, pela sua circunstância desfavorecida perante a realidade do contexto social que também tem base capitalista, só permite o encontro com a morte, levando-o a desejá-la, já que não estava encontrando formas de efetivamente superá-la dignamente. No entanto, esse desejo de vida é tão grande que ele pede apenas um motivo para ainda querê-la, considerando as circunstâncias que vive. Esse motivo é dado pelo nascimento do filho de José mestre carpina, pela própria vida nascendo em si mesma, e, sem se precisar pedir nada, ela se espalha e contagia o melhor das pessoas. A vida vale ser vivida pelo simples fato de existir. Não há que se exigir circunstância.



Religiosidade

Por ser um Auto de Natal, a questão da religiosidade também está constantemente manifesta nesta obra cabralina, por intermédio de diversas representações simbólicas. O percurso do retirante, que sai da Serra da Costela, terra de luta constante e miséria farta, pode ser compreendido como uma alusão à busca, pelo povo judeu, à terra prometida, ultrapassando o deserto em busca de seu oásis. Severino achava que o litoral pernambucano, por ser mais verde e ter fartura de água, seria seu oásis, mas vê que a morte o acompanhou do início ao fim da jornada, não tendo ele chegado à terra prometida, ainda que tenha encontrado um sentido para a vida em meio a tanta morte.

A figura do recém-nascido, em meio a tanta pobreza, que traz o sentido da vida para todo aquele que de cujo nascimento teve conhecimento, é uma clara alusão ao nascimento do Menino Jesus no Natal. Na realidade, o próprio nome da obra: *Morte e Vida Severina: Um Auto de Natal*, já é uma antecipação deste sentido que, ao final, ficou evidenciado.

Além do nascimento em si, a figura do pai, que se chamava José e era carpinteiro, remete, novamente, à figura de São José, esposo de Maria, que, sendo um indivíduo calmo, de fé e de sabedoria peculiar, com humildade e benevolência, vê no nascimento daquele Menino Jesus a renovação das esperanças da vida, aceitando o encargo. O Cristo representava uma nova era, uma manifestação do amor de Deus, como aquele menino, nascido em uma vida Severina, representava a vitória da vida sobre a morte.

Outro aspecto que também pode ser observado e que nos conduz a uma analogia às escrituras bíblicas é a imagem criada por João Cabral quando todos passam a trazer pequenas e singelas prendas ao recém-nascido e aos pais, como fizeram os reis magos. Mostra a solidariedade e alegria de todos em poder compartilhar aquele milagre da vida, mesmo estando rodeados pela morte, novamente renovando as esperanças.

Outro ponto importante da obra que não pode ser esquecido é a inversão apresentada no título: *Morte e Vida Severina*. Aquele Severino que era não apenas ele, mas a representação de todo o povo nordestino retirante, que só encontra sentido para a vida experimentando a morte de tantos outros Severinos iguais a ele em tudo. Por isso a morte precede a vida já no título. Severino sai em busca da vida e só encontra a morte, mas quando ele finalmente decide desistir, é no milagre de a vida viver em si só que descobre que a vida vale a pena ser vivida, por mais Severina que seja.



Por fim, a derradeira analogia à religiosidade cristã é a figura do rosário, como se cada vila pela qual ele passava, cada encontro, cada momento fosse um percurso do rosário, fosse uma Ave-Maria do rosário cristão, cujo ato de rezar constantemente representa um escudo para a vida, uma das mais poderosas armas de vitória pela fé.

Saliente-se, ainda, o que pode ser interpretado como a fronteira metafísica da obra, com a qual Severino dialoga em todo transcurso do texto, a morte e a vida. Além do aspecto da religiosidade cristã, é possível perceber a concentração de diversos aspectos do folclore, deixando João Cabral bem claro sua intenção de homenagear a todas as literaturas ibéricas. Nas palavras do autor, entre outras considerações importantes,

[e]sse texto não poderia ser mais denso. Era obra para teatro, encomendada por Maria Clara Machado [...]. Pesquisei num livro sobre o folclore pernambucano, publicado no início do século, de autoria de Pereira da Costa [...]. A cena do nascimento, com outras palavras, está em Pereira da Costa [...]. “Todo céu e terra lhe cantam louvor” também é literal do antigo pastoril pernambucano. O louvor das belezas do recém-nascido e os presentes que ganha existem no pastoril. As duas ciganas estão em Pereira da Costa [...]. Eu só alterei as belezas e os presentes [...]. Com *Morte e Vida Severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão. O encontro com os cantores de incências é típico do Nordeste. [...]. A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da tenção galega (SECCHIN, 1985: 304).

Considerando-se a visão histórico-cultural do autor, pode-se retomar a ideia de que João Cabral imprimiu, em *Morte e Vida Severina*, a possibilidade de várias leituras. Tome-se, como exemplo para análise, o trecho do Auto em que começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido e para mãe:

– Minha pobreza tal é
Que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
[...]
–Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar
[...]
–Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana
[...]



- Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.
- Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
- Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte. (CABRAL, 2000: 55-6).

Nesse trecho, é possível encontrar vários elementos fortemente presentes no contexto pastoril pernambucano. A capacidade artística do autor, aliada a sua originalidade ao viabilizar essa alteração, imprimiu ao texto, sem exotismos, a forte marca da cultura nordestina. A escolha feita dos presentes trazidos à mãe e ao recém-nascido marcam claramente a cultura nordestina: caranguejos, leite de outra mãe, papel de jornal, água da bica, canário-da-terra, bolacha d'água, boneco de barro, pitu, abacaxi, rolete de cana, tamarindos, ostras, jaca, mangabas, cajus, peixe, siris, carne de boi, mangas e goiamuns. A proveniência e a natureza desses presentes exibem a geografia socioeconômica e cultural de bairros de Recife e cidades do Pernambuco, o que, na realidade, é capaz de representar bairros e cidades de qualquer estado do Nordeste brasileiro.

Assim, pode-se retomar a lógica da cultura de fronteira de Santos, apresentando-se o Pernambuco/Recife, assim como apresentou-se Severino, como uma metáfora que evoca essa ideia do texto. O próprio João Cabral afirma “[...] o Recife é o depósito de miséria de todo Nordeste” (ATHAYDE, 1998: 109), miséria essa denunciada com brutal maestria, numa linguagem sutil e coesa, resgatando elementos medievais, cristãos, folclóricos, sociais, históricos, culturais e espaciais.

Ainda em se tratando do espaço, embora tenha sido visivelmente delimitado no texto (agreste, caatinga, zona da mata e litoral pernambucano), esse mostra-se mais como símbolo do que propriamente real, consubstancia a exclusão social, marcada pela realidade econômica do subdesenvolvimento que “mantém a dimensão do regional como objeto vivo” (CÂNDIDO, 2000: 159). Em se tratando do aspecto cronológico do poema, o decurso do tempo se reflete na peregrinação do retirante, problemática da migração, motivada pela seca, impossibilita sua limitação, já que a seca é intermitente.

Considerações finais

Os paradoxos que se confrontam, constantemente, na obra de Cabral têm um forte apelo social no Auto de Natal analisado e se consubstanciam nos confli-

tos entre vida e morte, identidade e identificação, luta e resistência, tendo como pano de fundo o regionalismo nordestino de meados da década de 50, que vê “na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual” (CÂNDIDO, 2000: 160).

Por derradeiro, “Morte e Vida Severina” científica o leitor da engenharia das letras que possuía João Cabral, engendrando aspectos culturais aos estéticos numa perspectiva estruturalista que, embora escrito na década de 50, autoriza leituras e abordagens que se valem, também, de conceitos e categorias recentes de análises literárias.

Referências

ARAÚJO, H. J. V.. **O poema no sistema: A peculiaridade do antilírico João Cabral na poesia brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ARIÈS, P. **Essais sur l'histoire de la mort em Occident: du Moyen Age à nos jours**. Paris: Seuil, 2000.

ATHAYDE, F. de. **Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, FBN; São Paulo: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BAUMAN, Z.. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z.. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOSI, A.. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, A.. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

..... **Textos de Intervenção**. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34, 2002.

DANTAS, V.. **Bibliografia de Antônio Cândido**. São Paulo: Ed. 34. Duas Cidades, 2002.

MELO NETO, J. C.. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

RODRIGUES, J. C.. **Tabu da Morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.



SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-Modernidade.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SECCHIN, A. C.. **João Cabral: a poesia do menos.** São Paulo: Duas cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

WILLIAMS, R.. **Cultura.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZIEGLER, J.. **Destruição em massa: geopolítica da fome.** Trad. João Paulo Netto. São Paulo: Cortez, 2013